
As Correntes Historiográficas do Século XIX e seus Procedimentos Metodológicos

Adriana Pereira Campos*

INTRODUÇÃO

Com o propósito de analisar as correntes históricas do século XIX, tentaremos localizar de forma global a importância de sua produção. A história, como disciplina, foi criada pelos gregos e, desde então, permaneceu a tradição de que o conhecimento do passado munificaria o homem para enfrentar melhor o presente. É verdade que durante a Idade Média a história foi ofuscada pela teologia. Nas universidades medievais, a história não é nem mesmo uma disciplina autonomamente ensinada, mas auxiliar da retórica, entre outras. A partir da constituição da sociedade capitalista, a história passará por intenso processo de crítica, que a elevará ao status de ciência, cujo zênite será no século XIX.

Esse processo se inicia com a busca de uma nova concepção de mundo que diferenciasse a nova ordem do renegado mundo medieval. Esse movimento intelectual tinha como fundamentos a crença na Razão e a idéia de que o Progresso do homem pode ser infinito, desde que o espírito humano, por meio do livre exercício de suas faculdades, se liberte do emaranhado de superstições, tolices, misticismo e ignorância, a que até então estivera subordinado.

Esse movimento culminará na revolução

científica do século XVII, cuja principal base era a idéia de existência de uma lei natural que explicaria fenômenos, tais como o movimento planetário, a gravidade etc. As teorias desenvolvidas por Isaac Newton, Galileu Galilei e Descartes exerceram profunda influência sobre a comunidade acadêmica, contribuindo para que outros pensadores também procurassem as leis naturais que regem a religião, a economia e a política, e que, em última instância, explicariam, por intermédio do livre exercício da razão, o comportamento humano. Entretanto, nesse momento em que a ciência vai construindo seu estatuto, a história é excluída de seu campo. A história, para Descartes, mitificava o passado, distorcendo-o completamente, daí que não era digna de confiança científica.

Ao longo do século XVIII, organiza-se uma reação, encabeçada por G. Vico, afirmando a história como ciência. Os pensadores vão tomando consciência da inegável historicidade das coisas, processo que se observa em Hume, Montesquieu e Kant. Todavia, será preciso aguardar o desenrolar do século XIX para que a história alcance o *status* de ciência, graças a historiadores de peso, como Michelet, Ranke, Tocqueville e Burckhardt, e de filósofos da história como Hegel, Marx, Nietzsche e Croce.

R
E
V
I
S
T
A

D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A
.
.
.
.
.
.
.
.

Esse movimento se inicia com a problematização acerca do “espírito” e da “natureza”. Verificou-se que a natureza obedecia a leis válidas em todos os lugares, marcadas por um sistema de uniformidades invariáveis no tempo e no espaço. Contudo, quando tal concepção era levada para o conhecimento do “espírito” ou das “culturas”, seus métodos mostravam-se inadequados, pois, ainda que se admitisse que determinadas condições sociais estivessem presentes em toda trajetória humana, por exemplo a guerra, nunca eram de mesmo conteúdo. Alguns estudiosos perceberam que, enquanto a natureza repetia sua trajetória de forma cíclica, a sociedade evoluía em forma de espirais. Por um lado, admitia-se a permanência de conceitos sociais ao longo da história, mas por outro esses conceitos sempre são de um novo tipo, devido aos ensinamentos extraídos das experiências anteriores. Tal movimento ficou conhecido como **historicismo**, que substituiu a história como relato de fatos heróicos, elevando-a ao *status* que ela hoje possui de ciência teórica.

Centrada na Europa, a ciência histórica assume um lugar fulcral no século XIX quando são inventados “ao mesmo tempo as doutrinas que privilegiam a história dentro do saber – [...]” historicismo” – e uma [...] categoria do real, a “historicidade” (Le Goff 1992: 8). Teoricamente, o historicismo foi um movimento de cientificação da história como a forma cabal de explicação da cultura em oposição às ciências da natureza. Para Ortega Y Gasset, as ciências naturais ou as exatas, baseadas na razão matemática, fracassaram em seu intento de estudar o homem, e a história, com sua razão histórica,

ocupou-se desse estudo, pois o homem não pode ser estudado como uma coisa, pois, não é coisa; e do mesmo modo é falso falar de natureza humana, pois o homem não tem natureza, mas história, justifica o intelectual espanhol. Segundo esse pensamento, seria o passado o lugar privilegiado para se encontrar o que o homem foi, e isso determinaria o que é no presente e o que seria no futuro. Ortega crê que por meio da razão histórica a vida se tornou compreensível.

O historicismo se manifestou na prática como disciplina universitária autônoma e na teoria como ciência específica, que utiliza procedimentos lógicos para explicação dos acontecimentos. Essa tendência da historiografia não conheceu fronteiras exatamente territoriais na Europa, mas pode-se dizer que seu quartel general tenha sido a Alemanha de Hegel. Os historicistas acreditavam que a capacidade de acumular experiências históricas das sociedades humanas tornava os métodos das ciências da natureza inaplicáveis à sociologia. Assim, procedimentos metodológicos do historicismo giravam em torno do desenvolvimento, que no século XIX se centrava na idéia de progresso. Também concebiam que a análise das transformações sociais, responsáveis pelo desenvolvimento da história humana, permitia captar as questões fundamentais em pauta no presente.

O HISTORICISMO ROMÂNTICO

Historicamente, a primeira reação historicista significativa, conforme Bobbio, contra a doutrina do ceticismo cartesiano

R
E
V
I
S
T
A
D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A
:
:
:
:
:
:
:
:
:
:
:
:
:

filológico na análise dos fatos históricos. Esse método consistia essencialmente em duas operações: primeiro, a análise das fontes nas suas partes competentes, distinguindo nelas os elementos mais recuados ou mais próximos no tempo, o que tornava possível aos historiadores estabelecerem a diferença entre o que é mais ou menos digno de confiança; e, depois, a crítica interna das partes escolhidas, mostrando como o ponto de vista do autor afetava o seu modo de apresentar os fatos e permitindo assim ao historiador tomar em consideração as deformações produzidas. Em função desse método, ficaram célebres as palavras de Ranke: *wie es eigentlich gewesen* ([escrever a história] como ela realmente foi). Essa exacerbada crença no fato denunciava a aceitação da primeira parte do programa positivista, pois os fatos eram vistos como módulos isolados ou atômicos. Bobbio, todavia, insiste em que, a despeito das diferenças quanto ao lugar do indivíduo na história, o historicismo rankiano vincula-se ao romantismo, quando elabora a teoria do Estado-Potência.

O otimismo historicista atingiu seu apogeu, segundo Le Goff, com a escola prussiana, por meio de Droysen e Sybel. Aumenta o crédito sobre o Estado como organismo forte e encarnação da vontade da nação. O Estado que coincidia com o modelo descrito era o próprio Estado Prussiano. Conforme Droysen, um governo para atingir esse modelo precisa utilizar algo além da força. Sybel insistia em que o Estado representava o progresso supremo da humanidade. Hegel ocupa um lugar de transição entre o irracionalismo romântico e o materialismo histórico, tendo sido o primeiro filósofo a

colocar a história no centro de sua reflexão. Com a escola romântica, Hegel tem em comum o recurso ao conceito de espírito do povo para explicar a individualidade de cada uma das diversas épocas e situações da história e, conseqüentemente, a dos valores políticos que elas exprimem. Contudo, para ele, os espíritos dos povos, quando se desembaraçam de suas particularidades, revelam a razão universal. Ora, se é a razão que governa o mundo, então a história universal se desenvolve racionalmente. Em vista disso, Hegel adverte que só podem ser reconhecidos os povos que constituem um Estado.

O materialismo histórico pode ser visto como um aprofundamento dos enunciados hegelianos, porque elimina todos os seus vestígios idealistas, traduzindo-se na concepção do desenvolvimento histórico de transformações revolucionárias ininterruptas, cuja força motriz é constituída pelos modos de produção. O materialismo histórico integra-se ao historicismo na medida em que o estudo da sociedade burguesa feita por Marx tem como base o desenvolvimento histórico do capitalismo, ou seja, a sociedade burguesa é o resultado do processo progressivo de acumulação de capital e aperfeiçoamento técnico. Para Marx, não é a crença na razão imanente do indivíduo que determina a evolução histórica, mas as condições materiais, que condicionam o processo social, político e intelectual.

O REFLUXO DO HISTORICISMO

No fim do século XIX, verifica-se o refluxo do historicismo, sobretudo na

